

Turismo e lazer na natureza em Magé (RJ): análise do fluxo de visitantes na Cachoeira dos Monjolos

Gabriella Sena de Lima¹
Maria Angélica Maciel Costa²
Isabela de Fátima Fogaça³

Palavras-chave: Cachoeira dos Monjolos. Demanda turística. Magé. Lazer. Turismo na natureza.

1. Introdução

Este estudo analisa os resultados da pesquisa de demanda turística realizada na Cachoeira dos Monjolos, localizada no distrito de Santo Aleixo, município de Magé/RJ, em março de 2024, com o apoio do Observatório de Turismo e Lazer da região turística Baixada Verde, e traz considerações sobre a tomada de decisão em políticas públicas de lazer e turismo na região.

Magé integra a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) e está situado na porção leste da Baía de Guanabara, inserido na Região Turística Baixada Verde. O município possui inúmeros atrativos naturais, combinando cachoeiras, montanhas, vales, rios, manguezais, Unidades de Conservação (UCs) e vastas áreas de Mata Atlântica. Essa riqueza ambiental se deve, em grande parte, à presença de áreas protegidas localizadas, parcial ou totalmente, no território de Magé⁴. Em Magé, essas áreas se concentram, principalmente, nas serras, onde nascem a maioria dos rios que compõem as bacias hidrográficas da região. Uma densa rede de cursos d'água brota nas serras dos Órgãos e da Estrela, percorre o território municipal no sentido Norte-Sul e deságua na Baía de Guanabara (CBH Baía de Guanabara, 2023).

¹ Mestranda em Patrimônio, Cultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). <http://lattes.cnpq.br/8245336506336167>. gwabriella@gmail.com.

² Doutora em Planejamento Urbano e Regional. Docente do curso de Turismo e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). <http://lattes.cnpq.br/4898229657335579>. mangelicamc@ufrrj.br.

³ Doutora em Geografia. Docente do Curso de Turismo e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). <http://lattes.cnpq.br/1731543706249446>. jsafog@hotmail.com.

⁴ No âmbito federal, o município abriga o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, a APA Petrópolis e a APA Guapimirim. No nível estadual, destaca-se o Refúgio de Vida Silvestre Estadual da Serra da Estrela. Já no âmbito municipal, Magé conta com a APA Suruí, a APA Estrela, o Parque Natural Municipal Barão de Mauá e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Veu da Noiva. Além disso, inclui unidades particulares, como a RPPN El Nagual, a RPPN Campos Escoteiro Geraldo Hugo Nunes e a RPPN Querência.

Em função de seus recursos naturais, Magé foi eleita a cidade com maior potencial natural dentro da RMRJ (Pacheco, 2020). A riqueza hídrica proporciona poços de água e cachoeiras com qualidade de água compatível para o contato humano primário, são dezenas de locais onde acontecem o uso turístico e recreativo das águas. Em fevereiro de 2025, foi aprovado o Projeto de Lei 3896/24 que declara a “Rota das Cachoeiras” como patrimônio imaterial cultural do estado.

No contexto municipal, o distrito de Santo Aleixo se destaca por apresentar a maior concentração de formação vegetal e a concentração de dezenas de locais para banho, de acordo com o Repositório de Mapas da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS)⁵. Entre os recursos naturais com potencial para o turismo no distrito de Santo Aleixo, destacam-se a Cachoeira dos Monjolos, objeto de estudo desta investigação, a Pegada do Gigante e a Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) El Nagual, bem como alguns poços, tais como o: dos Tamanqueiros, da Macumba e da Sereia (Observatório de Turismo e Lazer Baixada Verde, 2024).

De acordo com Lopes e Santos (2014), os recursos naturais de uma região contribuem tanto para a manutenção da biodiversidade quanto para o estímulo do fluxo turístico. A RMRJ enfrenta altas temperaturas durante boa parte do ano, com picos intensos no verão (Sena *et al*, 2014). Diante do aumento na frequência de ondas de calor, tornam-se necessárias adaptações urbanas e comportamentais para mitigar os efeitos nocivos do estresse térmico à saúde humana. Em dias de calor extremo, a população tende a evitar áreas com baixa arborização e excesso de concreto e asfalto, dado que esses elementos potencializam a sensação de calor. Essa dinâmica explica a crescente demanda por espaços naturais de lazer - como praias, cachoeiras e parques urbanos - cuja vegetação abundante e presença de recursos hídricos proporcionam ambientes mais frescos e úmidos.

Em Magé, a superlotação das cachoeiras e poços é uma situação recorrente durante os finais de semana e feriados ensolarados, fato que gera inúmeros impactos negativos, tais como o lixo, poluição das águas, incêndios (por causa das churrasqueiras, principalmente) e poluição sonora. A Cachoeira dos Monjolos, por exemplo, é um local muito procurado para lazer e banho, sendo um dos principais recursos naturais impactados em razão da alta demanda de visitantes. Em contraste com as praias - que possuem maior capacidade para receber um grande número de visitantes - as trilhas e cachoeiras inseridas na Mata Atlântica

⁵ É possível acessar o mapa em: https://geo.fbds.org.br/RJ/MAGE/MAPAS/RJ_3302502_USO_DO_SOLO.jpg

são ecossistemas frágeis, com limitações na capacidade de suporte. Paradoxalmente, embora Magé possua praias litorâneas com relevante beleza cênica, a contaminação da Baía de Guanabara inviabiliza o contato primário com as águas de forma segura. Importante pontuar que, durante atividade de campo da equipe do Observatório de Turismo e Lazer Baixada Verde, realizada em dezembro de 2024, para inventariar as praias de Magé, apesar do mau cheiro e cor turva da água, pessoas nadavam em diversas praias.

Considerando os impactos que o excesso de visitantes ocasiona na região, bem como a necessidade de ordenamento e planejamento da visitação para lazer e turismo, em março de 2024 foi realizada uma pesquisa de demanda com o objetivo de compreender o perfil dos visitantes da Cachoeira dos Monjolos. A pesquisa, também, buscou entender a percepção desses visitantes sobre os recursos e atrativos turísticos, serviços de apoio e infraestrutura da região, além de avaliar a perspectiva de expansão da visitação no território mageense.

A ação foi realizada no âmbito do projeto “Caminhando e Restaurando: Plantando Florestas e Monitorando Fauna ao longo do Caminho da Mata Atlântica”, sob a coordenação do Instituto Caminho da Mata Atlântica e Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Eventos de Magé, contando com a parceria da ONG Sinal do Vale, do Observatório de Turismo e Lazer Baixada Verde e apoio da WWF-BRASIL.

2. Metodologia

A pesquisa se caracteriza como exploratória (Gil, 2002), a metodologia adotada compreende três etapas principais: i) revisão bibliográfica; ii) realização de entrevistas a partir de uma pesquisa de levantamento; e iii) análise dos resultados.

A revisão bibliográfica teve como objetivo compreender o estado da arte nas pesquisas relacionadas aos atrativos naturais da região, em especial as cachoeiras. Nesse sentido, pesquisou-se sobre turismo e lazer em Santo Aleixo nas principais bases de dados acadêmicos, tais como Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e portal de periódicos da CAPES. Foi observado que não há investigações que tratem da Cachoeira dos Monjolos como objeto de estudo principal.

Em relação à segunda etapa, entende-se que as pesquisas de levantamento “[...] caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer” (Gil, 2002, p. 50). Com isso, a pesquisa de levantamento proposta visa compreender a demanda na Cachoeira dos Monjolos. A pesquisa foi realizada nos dias 2 e 3 de março de

2024, sábado e domingo, respectivamente, em um fim de semana ensolarado. A equipe foi composta por 24 pesquisadores. Foram entrevistados 172 visitantes em um universo de pesquisa desconhecido, uma vez que, nos dias mencionados, não houve o controle do quantitativo de visitantes no local.

Para a elaboração das perguntas do formulário, contou-se com a participação de todas as instituições supracitadas. Ao todo foram definidas 25 questões, sendo 21 fechadas e 4 de resposta livre, divididas entre o perfil do visitante; hábitos de visitação; avaliação do atrativo, estruturas e serviços; sugestões de melhoria e expansão da visitação a todo o território mageense.

Após realizada as entrevistas, as respostas dos 172 formulários foram lançadas na base de dados do Google Forms para auxiliar na confecção dos gráficos e análise dos resultados. O boletim com todos os gráficos e resultados completos está disponível no site <https://www.observatoriobaixadaverde.com/>.

3. Resultados e Discussões

O caminho para a Cachoeira dos Monjolos conta com diversos poços e seu acesso é considerado fácil, o que promove maiores fluxos de visitantes e dispersão entre seus poços. Deste modo, foi possível constatar que apenas 27,2% dos entrevistados buscavam a cachoeira como destino final do passeio.

Em relação ao perfil do frequentador, foi possível identificar que estes são adultos (55%), de 30 a 60 anos, identificam-se com o gênero masculino (74%), são solteiros (55%), possuem ensino médio completo (41,4%) e renda familiar entre 1 a 2 salários mínimos (44,4%).

Os respondentes alegaram visitar a Cachoeira dos Monjolos com muita frequência (55%). Esse fato dialoga diretamente com a constatação de que o principal público frequentador da cachoeira é do município Magé (71,6%).

Isto posto, é possível constatar que o atrativo é, sobretudo, destino de lazer da própria comunidade local; pouco conhecido por turistas, mesmo os regionais, tendo em vista que os visitantes dos demais municípios da Baixada Fluminense são pouco expressivos, somando um total de 4,8% dos respondentes. Ainda, vale ressaltar que, apesar do alcance ser, sobretudo, local, 1,2% dos respondentes tinha como estado de origem a Bahia.

Os respondentes alegaram ter conhecimento do atrativo por frequentar a região (50,3%) ou por meio do boca a boca entre amigos e parentes (33,7%). Deste modo, caso receber turistas seja uma pretensão da política de turismo municipal e regional, é necessário promover o atrativo nas redes sociais - que atualmente são pouco divulgados ou mal explorados, tendo em vista que estas atingiram somente 5,9% dos entrevistados.

Quanto ao período do ano preferencial para visitar a Cachoeira dos Monjolos, 46,2% alegam visitar em qualquer época do ano e 46,2% dizem ter a preferência por visitar entre janeiro e abril, meses mais quentes. Dentre aqueles que manifestaram visitar em qualquer época do ano, 72,2% são residentes de Magé, o que sugere que a proximidade e, conseqüentemente, a facilidade de acesso ao local, sejam fatores mais importantes para esses visitantes do que a estação do ano (verão, outono, primavera ou inverno) ou presença de feriados, por exemplo.

Para chegar ao local, utilizam carro particular (58%), sendo, portanto, necessário haver manutenção constante das condições da estrada, estruturação de estacionamento para comportar o alto fluxo de visitantes em épocas de temperaturas altas, e fiscalização da ordem pública, evitando com que estes estacionem em locais inadequados.

Ressalta-se que a maioria não se hospeda na região (75,7%), ou seja, ao visitar o local, realizam somente um excursionismo. Contudo, destaca-se que os respondentes que se hospedam em Magé em função da visita, em sua maioria, fazem em casa de amigos e parentes (5,3%). Desta forma, acredita-se que alguns fatores podem influenciar para que este visitante não tenha cogitado a hospedagem comercial enquanto opção de pernoite, sendo possível que não haja divulgação adequada das opções de hospedagem, ou, até mesmo, que os preços não estejam de acordo com a demanda.

Os visitantes são, principalmente, grupos de até 4 pessoas (31,4%), com objetivo de lazer e turismo (78,7%) e não estão acompanhados por menores de 18 anos (87,6%). Destaca-se que apenas 3% das visitas foram realizadas por agentes (ou guias de turismo) voltados à excursão comercial, ou seja, dentre os 28,4% dos visitantes que não moram em Magé, apenas uma pequena parcela busca fazer o passeio com orientação turística.

Em relação aos serviços e produtos, foram avaliados como “excelente”: acesso, segurança, limpeza, alimentação, atrativos naturais, diversão/ entretenimento, comércio. Em contrapartida, foram avaliados como “péssimo”: sinalização, iluminação e atrativos culturais. No que tange os atrativos culturais, foi constatado, por meio do Inventário da Oferta Turística

de Magé/RJ, realizado pelo Observatório de Turismo e Lazer Baixada Verde, que a região conta com recursos culturais com potencialidade turística, sendo assim, acredita-se que estes recursos não vêm sendo apresentados de maneira adequada para o público, que, em sua maioria, avalia a oferta como péssima ou inexistente.

A maioria dos respondentes não soube avaliar os meios de hospedagem (81,4%), pois não fizeram uso deste serviço. Entretanto, entre os 18,6% que souberam responder, predominam as avaliações negativas, com destaque para as classificações de péssimo (4,1%), ruim (1,7%) e regular (7%). Apenas uma pequena parcela (5,8%) identificou a hospedagem enquanto excelente (2,9%) e boa (2,9%). Esse cenário sugere que as avaliações negativas contribuem para a decisão dos visitantes de não pernoitar em equipamentos de hospedagem comerciais e optarem por casas de amigos e parentes.

Como sugestões de melhoria para uma boa recepção dos visitantes, foi recomendado que os gestores públicos realizem investimentos, principalmente de acesso (16.6%), sinalização (14.2%) e segurança (11.8%).

Os entrevistados também indicaram visitar outros atrativos turísticos na região, sendo eles, sobretudo, o Poço dos Tamanqueiros (59,8%) e a Pegada do Gigante (38,5%).

Buscou-se compreender se estes gostariam de conhecer outros atrativos turísticos de Magé, a maioria dos entrevistados indicou que sim (63,9%). Em contrapartida, 36,1% desta parcela não souberam informar quais atrativos seriam, mencionando apenas o desejo de conhecer mais opções de lazer no município. Isso sugere que os atrativos turísticos não são suficientemente promovidos para incentivar essa parcela dos visitantes a planejar e realizar a visita, ou, ao menos, lembrar o nome do local que desejam conhecer.

O transporte foi indicado por 17,2% dos respondentes como maior dificuldade para conhecer outros atrativos de Magé. Ou seja, é preciso pensar em infraestrutura que integrem os mais variados roteiros turísticos.

Como comentário adicional, muitos respondentes mencionaram sentir falta de um controle de acesso, pois entendem como essencial a organização das visitas ao local para preservar não somente o ecossistema, como também a privacidade e bem estar do morador.

Em relação a isso, a Prefeitura de Magé realiza a Operação Verão, que busca ordenar o acesso aos recursos naturais, limitando a entrada de veículos em bairros próximos às trilhas e cachoeiras. Para a entrada de veículos de excursão, é necessário agendamento prévio junto à Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Eventos. Vale ressaltar que, buscando não

prejudicar os mageenses, houve uma ação de cadastro e adesivamento dos veículos dos moradores da região monitorada (Prefeitura Municipal de Magé, 2021). Ainda sim, a estratégia se mostra pouco eficiente, visto que a visitação a esses bens naturais vem crescendo de maneira exponencial, e a não regularidade da operação, uma vez que há alguns anos em que ela não ocorreu, não cultiva entre os frequentadores um uso público mais equilibrado do recurso natural, com regramentos.

Os mageenses que responderam a pesquisa também indicaram entender de forma negativa a divulgação e popularidade do local, pois, com o aumento do turismo, os moradores deixarão de ter um lugar de lazer tranquilo nas proximidades, o que já vem acontecendo, mesmo sem incentivo ou promoção por parte do poder público. São inúmeros os vídeos e postagens das cachoeiras de Magé em redes sociais, publicados pelo próprios frequentadores. Apesar de reconhecerem as deficiências de infraestrutura local, muitos visitantes manifestam preferência pela manutenção das condições atuais, visando conter o crescimento no número de visitantes.

4. Considerações Finais

A superlotação nas cachoeiras de Magé é um problema complexo que envolve dois aspectos principais. Por um lado, há a população que busca esses locais para refresco e lazer; sendo este último um direito garantido pela Constituição de 1988. Por outro, existe a necessidade de preservar a Mata Atlântica e seus cursos d'água, ambientes naturais frágeis que possuem capacidade de carga limitada. O excesso de pessoas pode comprometer a flora, a fauna, a qualidade da água e, conseqüentemente, a experiência das pessoas que procuram esses espaços para aliviar o estresse em contato com a natureza.

Neste contexto, é fundamental a despoluição da Baía de Guanabara para que um número maior de pessoas frequentem as praias de Magé. Isto porque a opção de se refrescar e aproveitar os momentos de lazer nas praias, tenderia a diminuir a pressão nas cachoeiras, superlotadas em dias de calor. Os próprios frequentadores da Cachoeira de Monjolos demonstraram preferência pela manutenção do estado atual do local, sem intervenções de melhorias ou divulgação, como estratégia para limitar o aumento do fluxo de visitantes.

Para os mageenses, e demais moradores da Baixada Fluminense, utilizarem adequadamente os recursos naturais existentes, é necessário estruturar novas UCs, bem como implementar as que foram criadas apenas no papel, como opção de locais de lazer e de

resfriamento, com equipamentos de apoio, acessos adequados, manutenção, segurança e com serviços urbanos como saneamento e transporte regular para que o uso público seja democratizado.

Referências

CBH BAÍA DE GUANABARA. Rede Baía, Sub Comitê Leste. Edição 3. Maio de 2023. Disponível em: <https://comitebaiadeguanabara.org.br/boletim/redebaia/leste/03/materia7.php>. Acesso em: 1 abr. 2025.

FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - FBDS. **Repositório de Mapas**, 2025. Disponível em: <https://geo.fbds.org.br/RJ/MAGE/> Acesso em: 3 abr. 2025.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2002.

LOPES, Elfany Reis do Nascimento; SANTOS, Adriana Melo. Turismo e recursos naturais: o lugar das unidades de conservação no ecoturismo. **Nature and Conservation**, v. 7, n. 1, nov. 2013 - out. 2014. p. 48-60.

OBSERVATÓRIO de Turismo e Lazer Baixada Verde. **Inventário da Oferta Turística - Magé/RJ**. 2024. Disponível em: <https://www.observatoriobaixadaverde.com/biblioteca>. Acesso em: 29 mar. 2025

OBSERVATÓRIO de Turismo e Lazer Baixada Verde. **Pesquisa de demanda: Cachoeira dos Monjolos - Magé/RJ**. 2024. Disponível em: <https://www.observatoriobaixadaverde.com/biblioteca>. Acesso em: 29 mar. 2025

PACHECO, Lucas. **Parque cultural e esportivo mageense: estudo final**. 2020. 107 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Trabalho Final de Graduação) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MAGÉ. **Operação verão: Prefeitura vai cadastrar e adesivar carros de moradores das regiões selecionadas**. Disponível em: <https://mage.rj.gov.br/destaque/operacao-verao-prefeitura-vai-cadastrar-e-adesivar-carros-de-moradores-das-regioes-selecionadas/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

SENA, Caio; FRANÇA, José Ricardo; PERES, Leonardo. Estudo da Ilha de Calor na Região Metropolitana do Rio de Janeiro Usando Dados do MODIS. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 37, p. 111-122, 2014.

SILVA, Jonathan Duarte da. **Paisagem e patrimônio: uma análise das potencialidades turísticas do município de Magé, RJ**. 2017. 125 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2017.